

Espaço escolar: a experiência do estágio curricular supervisionado para formação do licenciado em Geografia

École zone: l'expérience de la formation supervisée pour le diplôme en Géographi

School space: the experience of supervised training for the degree in Geography

Pedro Paulo Mesquita Mendes

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal do Goiás – Campus Catalão
pedropaulo.mendes@hotmail.com

Paulo Henrique Kingma Orlando

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal do Goiás – Campus Catalão
phorlando@yahoo.com.br

Resumo

A qualidade do ensino está extremamente ligada há uma boa formação dos estudantes de graduação em Licenciatura. Os estágios curriculares supervisionados são disciplinas essenciais para formação dos profissionais da Educação. Seguindo essa percepção, que o presente artigo tem por direcionamento discorre sobre a experiência proporcionada pela disciplina de Estágio Curricular Supervisionado, em Geografia, do curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás – Regional de Catalão. O objetivo principal do artigo é expor a proposta de intervenção aplicada em três turma vespertinas de 6º ano do Ensino Fundamental do ano de 2012 no Colégio Municipal CAIC - São Francisco de Assis, localizado no perímetro urbano do município de Catalão-GO. A proposta de intervenção foi baseada nas observações do espaço físico do colégio, nos métodos de ensino das professoras regentes em Geografia e o perfil das três turmas. O objetivo secundário é a apresentação da análise crítica da intervenção implementada nas referidas turmas, sendo baseado em referenciais teóricos sobre a temática educação, espaço escolar, ensino de Geografia. Enfim, o Estágio Curricular Supervisionado é fundamental para a carreira do licenciado, pois percebem a condições de educadores e também as falhas em sala de aula.

Palavras-chave: espaço escolar; Colégio Municipal CAIC - São Francisco de Assis; estágio curricular supervisionado.



Résumé

La qualité de l'éducation est étroitement liée il ya une bonne formation des étudiants des cycles supérieurs en degré. Stages supervisés sont des disciplines essentielles pour la formation des professionnels de l'éducation. Suite à cette prise de conscience, que cet article vise discute de l'expertise de la discipline du supervisé en géographie, géographie cours à l'Université fédérale de Goiás - catalane régional. L'objectif principal de l'article est d'exposer l'approche d'intervention appliqué en classe de trois après-midi 6e année de la 2012 années de Colégio Municipal CAIC - São Francisco de Assis, situé dans le périmètre urbain de la municipalité Catalão-GO. L'intervention proposée est basée sur les observations de l'espace physique du collège, les méthodes d'enseignement des enseignants Regents en géographie et le profil des trois classes. L'objectif secondaire est la présentation de l'analyse critique de l'intervention mis en œuvre dans ces classes, en se basant sur des références théoriques sur l'éducation de l'objet, l'environnement scolaire, l'enseignement de la géographie. Quoiqu'il en soit, l'supervisé des programmes d'enseignement est essentiel pour la carrière du titulaire parce qu'ils réalisent les conditions des enseignants et aussi les lacunes dans la salle de classe.

Mots-clés: école zone; Colégio Municipal CAIC - São Francisco de Assis; stage supervise.

Abstract

The quality of education is closely linked there is a good training of graduate students in degree. Supervised internships are essential disciplines for training of education professionals. Following this realization, that this article is targeting discusses the expertise of the discipline of Supervised in Geography, Geography course at the Federal University of Goiás - Regional Catalan. The main goal of the article is to expose the intervention approach applied in three afternoon class 6th year of the 2012 year of elementary school in the Colégio Municipal CAIC - São Francisco de Assis, located in the urban perimeter of the Catalão-GO municipality. The proposed intervention was based on the observations of the physical space of the college, teaching methods of Regents teachers in Geography and the profile of the three classes. The secondary objective is the presentation of critical analysis of intervention implemented in these classes, being based on theoretical references on the subject education, school environment, geography teaching. Anyway, the Curricular Supervised is essential to the licensee's career because they realize the conditions of educators and also the shortcomings in the classroom.

Keywords: school space; Colégio Municipal CAIC - São Francisco de Assis; supervised internship.

Introdução

A escola é um instrumento necessário para um excelente engajamento social, cultural e econômico de uma nação. Para que, a escola seja de qualidade e eficiente, é de extrema importância investimentos na sua estrutura física e material didático, e mais ainda, estímulos aos professores para que possam ter condições satisfatórias na realização das suas tarefas com os discentes.

Seguindo essa percepção que o presente artigo tem por objetivo caracterizar o Colégio Municipal CAIC – São Francisco de Assis, situado na zona urbana no município de Catalão-GO. A caracterização da escola se dará no âmbito da infraestrutura e a utilização dos espaços físicos que escola dispõe.

A elaboração desse artigo foi a partir dos relatórios realizado no Estágio Curricular Supervisionado no curso de Geografia na Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. Os relatórios constam o levantamento de dados e informações através de visitas periódicas a entidade escolar no semestre letivo de 2012, para ter se uma visão ampla do conjunto de necessidades e problemas enfrentados pela escola no seu dia-a-dia.

Com as visitas ao colégio, observamos a realidade escolar. Com este intuito, estaremos questionando e investigando as condições educacionais do Colégio Municipal CAIC – São Francisco de Assis, e ampliando nossas experiências como futuros educadores.

Assim, numa perspectiva de ritual de passagem, esperamos que essa caminhada pelas atividades de estágio se constitua em possibilidades de reafirmação da escolha por essa profissão e de crescimento, a fim de que, ao término, os alunos possam dizer abram alas para a minha bandeira, porque estão chegando a minha hora de ser professor. (PIMENTA, LIMA, 2009, p. 100).

O Estágio é a primeira oportunidade de aprendizagem da profissão docente e da construção da identidade como educador. A visita ao ambiente escolar proporciona um direcionamento mais claro e coerente sobre a realidade da escola, tendo como objetivo uma aproximação com o futuro da explanação em sala de aula, e um diagnóstico crítico da realidade educacional.

Atrás das visitas periódicas, foi observada, a estrutura física da escola, as questões pedagógicas é o direcionamento de ensino-aprendizagem. Após, a etapa de observação seguiu-se as etapas da proposta de intervenção e sendo finalizado com a implementação do mesmo.

A proposta de Intervenção para o Estágio Supervisionado em Geografia foi elaborada para as três turmas vespertinas do 6º ano do Ensino Fundamental do ano de 2012, sendo que, cada turma teve uma proposta metodológica única. A implementação da Intervenção ocorreu durante quinze aulas. Tendo por essas diretrizes, o artigo estrutura-se basicamente sequenciado da seguinte forma: contextualização do colégio, proposta metodológica e análise crítica da intervenção.

Contextualização do espaço escolar: Colégio CAIC

O Colégio CAIC São Francisco de Assis está localizado na Rua Tenente-Coronel João Cerqueira Netto, s/n - Setor Wilson Guimarães. Tendo em suas dependências a Creche Irmã Iolanda e um Posto de Saúde. O colégio se localiza ao lado do Cemitério Municipal São Pedro e próximo ao Centro de Convivência do Pequeno Aprendiz (CCPA) e de bairros de famílias de classe média e média-baixa. Os estudantes do colégio são do município, dos bairros próximos. O poder aquisitivo dos estudantes é de classe média ou média-baixa.

Os alunos têm contato com os meios tecnológicos. Sendo utilizados somente nas aulas de informática ou algum evento do auditório. Os professores usam constantemente todos os recursos disponíveis para o ensino-aprendizagem dos alunos. Os alunos dividem os livros didáticos com as outras turmas.

As professoras regentes, no período de observação, não usaram os recursos tecnológicos em sala de aula, somente nas aulas de informática para visualização de imagens e de mapas para exemplificar suas observações sobre os conteúdos trabalhados em sala. As aulas são expositivas e uso constante do giz e do quadro negro. As professoras explicam de forma clara e simples os conteúdos trabalhados fazendo interligações com outras disciplinas e com o dia-a-dia dos alunos. A professora Marta Sousa consegue manter a ordem e disciplina dentro da sala. A professora Luciana Pinto aparentemente deixa os seus alunos mais à vontade. A professora Ana Paula Pereira chama a atenção dos alunos com palavras sutis. Os alunos ficam em silêncio e atentos nas explicações de suas professoras, são extremamente participativos. As três professoras instigam a participação dos alunos através de perguntas e atividades atraentes para idade dos alunos, por exemplo, tarefas com figuras de animais e paisagens, que podem ser coloridas. As professoras premiam os alunos dedicados e que fazem as tarefas. As professoras têm domínio do conteúdo. Nos momento de dispersão dos discentes as professoras chamam atenção e pede silêncio em tom de voz autoritária

falando o nome do aluno, em algumas situações sugere que levará o aluno a coordenadora ou deixa o aluno sem recreio. Também pode acontecer da turma toda ficar sem recreio. A conversa paralela acontece nas três turmas observadas.

As participações dos alunos nas aulas são altíssimas, pelo fato que os alunos estão numa fase de grande aprendizagem rápida pelas disciplinas escolares. Porém, algumas aulas os alunos são mais agitados, principalmente após o recreio.

Perfil da turma do 6º “A” do Ensino Fundamental

A turma do 6º A é formada por 29 alunos, sendo; 13 alunas e 16 alunos entre a faixa etária dos nove a onze anos. Através das observações, percebi que a conversa paralela acontece, porém a professora Marta Sousa logo inibe. Os alunos têm fácil concentração e as brincadeiras são perceptíveis, porém são alunos fáceis de controlar. Na avaliação da professora é uma turma que exige mais firmeza com os alunos, para que eles não percam a concentração. A turma é heterogênea no sentido em que alguns alunos têm muita dificuldade de aprendizagem, e outros com bom desempenho.

Nas aulas os alunos são participativos, gostam de falar de suas experiências relacionando com que está sendo estudado. Entretanto, quando o professora regente utiliza a voz autoritária os alunos ficam um pouco inibido de falarem. Percebo maior disposição entre os alunos quando a professora exemplifica o conteúdo com situações do dia-a-dia, mas estes momentos são quando os discentes se dispersam na sala de aula. A professora pede para os alunos fazerem silêncio, quando esses não atendem prontamente a regente pronunciar sermões aos alunos ou os deixam sem recreio. Em algumas aulas foi observado que alunos ficam animados com algumas atividades, por exemplo, as de colorir alguma figura.

Perfil da turma do 6º “B” do Ensino Fundamental

Já a turma do 6º B são estudantes mais agitados, contém 29 alunos, sendo 13 alunas e 16 alunos, em faixa etária entre nove e onze anos. Os alunos apresentam certa dificuldade ainda relacionada à questão da alfabetização (leitura e escrita). São alunos participativos, ativos, conversam bastante, interagem entre si e com os professores. Em geral, são assíduos e pontuais. Há uma participação razoável da família. Nesta turma há alguns casos de alunos chamados “inclusão”, devido às deficiências de aprendizagem.

A aula, na maioria das vezes, é expositiva com uso do quadro negro e giz. As aulas de explicação de conteúdo do livro são organizadas com um círculo de alunos onde cada um faz a leitura de uma parte do texto que é explicada e discutida, onde se percebe grande participação da turma. Os alunos gostam de trabalhos que são em grupos ou dupla. Outra atividade que os alunos adoram desenvolver em sala é a montagem de painéis para serem afixados na sala.

Perfil da turma do 6º ano “C” do Ensino Fundamental

A turma 6º C é bem agitada contendo alunos de inclusão. A maioria deles é bem participativa e gostam de interagir com os colegas durante o momento de aprendizagem, o que torna, muitas vezes, difícil o domínio da sala pelo docente. A turma 6º C tem o mesmo número de alunos das turmas 6º A e B, 29 alunos, o que diferencia é que tem mais meninas sendo 16 no total e contra 13 meninos.

Os alunos se sentem à vontade nas aulas quando tem alguma atividade em grupo ou alguma tarefa lúdica. Os alunos adoram mostrar para professora seu desenvolvimento das atividades, indo a sua mesa. A participação nas aulas é uma característica bastante forte na turma do 6º C. Contudo, os alunos levantam das carteiras e vão em direção a porta da sala ou na carteira do colega para conversar, fazendo com que a professora deixe a turma sem recreio. O início da aula a turma faz uma oração agradecendo ao estudo, amigos e a família. Os alunos gostam das aulas no laboratório de informática. Os discentes ficam mais agitados após o recreio, porém na hora de ir embora são organizados e todos saem em fila.

Proposta metodológica

Para que possamos obter resultados positivos nas aulas que serão ministradas na turma da 6º A, B e C é através do trabalho dinâmico, aulas expositivas com participação dos alunos. Pelo o que foi observado os alunos são bastante interessados nas interpretações de imagens, gráficos, mapas e vídeos. O conteúdo ministrado nas 15 aulas será a sequência dos conteúdos do programa do colégio, sendo assim, o mesmo para três turmas. Pela grande participação em sala de aula, buscaremos recursos lúdicos para conquistar a atenção dos alunos. O uso de materiais feito a mão e de mapas.

Trabalharemos os mapas como ferramenta de associação dos conteúdos ministrados em sala. Para o 6º A elaboraremos trabalho em grupo e dinâmicas para

aproximar os alunos dos diferentes núcleos. A dinâmica em grupo é indicada para o 6º A, se for trabalhada, será de forma simples. Pela participação dos alunos do 6º A, abriremos espaço nas aulas para os estudantes exporem algumas das suas experiências relacionadas com o conteúdo trabalhado e debates.

O uso de material de apoio será mais intenso no 6º B, por causa, da difícil de concentração e da fácil dispersão dos alunos. Para manter a participação dos alunos cobraremos a leitura em sala do conteúdo que está sendo exposto. Instigaremos os alunos a fazerem pesquisas e produzirem pequenos textos, para pequenas exposições.

O uso de material lúdico é mais apropriado para a turma de 6º C, por quanta, dos alunos de inclusão que tem mais dificuldade e pelo grande interesse dos alunos deste tipo de método. Também o uso de figuras para colorir é um material há ser utilizado para fixar o conteúdo exposto das aulas.

Para as três turmas da 6º série do Ensino Fundamental usaremos reportagem de jornais da web e revistas, pequenos vídeos e textos complementares para excitar a análise crítica dos alunos. Os alunos das três turmas são comunicativos e curiosos na sua maioria, aproveitado essas qualidades iremos trabalhar as informações das reportagens com o intuito de provocá-los ao debate coletivo ajudando a formar opiniões próprias.

A proposta de intervenção que indicamos para as três turmas 6º série, 6º A, 6º B e 6º C do Ensino Fundamental do Colégio CAIC Francisco de Assis de Catalão-GO são similares. Porém, o que chamamos atenção é que qualquer trabalho em grupo dentro da sala de aula deva ser trabalhada em todas as turmas de 6º série. Mas, o diálogo e análise crítica será o objetivo central para se trabalhar com as três turmas com apoio de todo recurso disponível pelo Colégio.

Análise crítica do estágio curricular supervisionado

Ao falamos em sala de aula, nos remetemos à imagem de uma edificação harmoniosa com boa luminosidade, com um piso impecável, paredes internas bem-acabadas com painéis, preenchida por carteiras bem projetadas no seu interior, fixada à parede uma grande lousa e cercada por um grande e seguro muro. Também imaginamos que a educação se remete somente a sala de aula. Contudo, Cármen Cavaco salienta em seu livro “Aprender fora da escola – percursos de formação experiencial” que a educação vai além do contexto escolar apontando a importância da educação informal.

a educação informal apresenta-se como uma modalidade educativa não organizada, que pode ser intencional ou não, e que se designa de educativa em consequência dos seus efeitos na alteração dos conhecimentos, comportamentos e atitudes dos indivíduos. (...) está presente desde que existe o Homem, assim como a aquisição de saberes por via experiencial (...). O termo educação informal surge como complementar das outras duas modalidades educativas, (...). A educação informal ocorre ao longo da vida, na diversidade de contextos e, inclusivamente, também nas situações de educação formal e não-formal. (CAVACO, 2002)

Nas quinze aulas ministradas durante o Estágio Curricular Supervisionado III, no Colégio CAIC – Francisco de Assis Catalão-GO no ano de 2012, busca-se através do diálogo a educação informal dos estudantes que poderia contribuir com os conteúdos propostos. Mas, pela pouca vivência dos mesmos não houve muita contribuição.

Entretanto quando se entra na sala de aula pela primeira vez, não como aluno, mas como mestre, podemos perceber que educar é, sem dúvida, uma das tarefas mais complexas impostas pela vida de um licenciado, por ser em qualquer instância uma execução contínua e coletiva e, por tais razões, faz-se necessário a todo instante refletirmos, enquanto agentes formadores e facilitadores desse processo, acerca de nossas posturas, condutas e sentimentos, pois navegaremos nas relações intra e interpessoais, possibilitando dentro das posses processuais do desenvolvimento sociocultural uma maior compreensão do ato de educar, que vai além das ingênuas definições que conhecemos.

O pesquisador Paulo Freire em seus estudos aponta que ninguém educa ninguém, assim como ninguém se educa sozinho; alguém só aprende se existir uma pessoa que lhe deseje ensinar. Da mesma forma, alguém só ensinará se houver um indivíduo ardentemente predisposto a aprender. Percebamos que ensinar e aprender são atos recíprocos e, por isso mesmo, um não tem consistência sem o outro, um inexistente sem a preexistência do outro; educar é um ato coletivo e uníssono entre educando e educador, pois ambos devem concatenar idéias, desejos, sonhos e, acima de tudo, esforços.

Nas quinze aulas preparadas para o Estágio Supervisionado III houve a infelicidade de não ter compreendido o quanto as colocações do pesquisador Paulo Freire fariam no momento das aulas práticas. Também a displicência de não ter trabalhado ao máximo com a predisposição de aprender dos estudantes. Os estudantes tinham atenção total sobre o que era explanado, mas ocorreu um equívoco em não trabalhar de forma mais criativa. Por exemplo, com brincadeiras e materiais lúdicos. Entretanto, nas seis

primeiras aulas, “Como foi estabelecida a divisão dos estados brasileiros?” e a “Divisão dos estados brasileiros”, foi exposto o mapa do Brasil, deixando com que os estudantes observassem de perto podendo colocar as mãos. Aulas de Geografia sem mapas são poucas prazerosas e difícil entendimento do estudante.

Nas aulas sobre “Divisão dos estados brasileiros” foi explanado aos estudantes os nomes dos estados e as suas respectivas capitais, mas percebemos que poderia ter sido trabalhado de forma conjunta as fotografias que retratassem cada estado ou capital. A pesquisadora Inés Barbosa de Oliveira em seu artigo “Espaços educativos cotidianos em imagens” publicada no livro “Fora da escola também se aprende” apresenta a importância das brincadeiras de crianças que expressam os processos de aprendizagem vividos em espaços urbanos através das fotografias de Robert Doisne. Através deste artigo percebo o quanto uma fotografia pode ter símbolos e significas o quanto isso poderia auxiliar nas aulas de Geografia.

Observar o que nos transmite Doisneau - sob a forma de fotografias aparentemente estáticas e imutáveis, portadoras de múltiplos significados e histórias vivas e dinâmicas - nos remete ao universo de vida das crianças/alunos que não são nunca só uma ou outra coisa, mas sempre as duas, nesse processo permanente de aprender e ensinar, dentro e fora da escola, uns aos outros. (OLIVEIRA, 2001)

Ainda nas aulas “Divisão dos estados brasileiros” foi observado que após o término do conteúdo que as aulas tinham sido extremamente tradicionais. Construir um quadro na lousa colocando os nomes dos estados, capitais e suas siglas representativas e pedi aos estudantes que repetissem o que estava escrito. Mas, um ponto positivo nessas aulas foi à indicação de cada estado e capital no mapa político-administrativo do Brasil, ajudando assim o estudante localizar os estados referentes à Catalão-GO. Também, nesse mesmo conteúdo, distribuir aos estudantes um mapa do Brasil, pedi que colorissem fazendo pequenas observações referente às cores utilizadas nos mapas.

As pesquisadoras Rausch e Schroeder em seu artigo “A inserção da pesquisa as séries iniciais do Ensino Fundamental” investigam a inserção da pesquisa nos processos de ensinar e aprender nas séries iniciais do ensino fundamental numa escola em Blumenau-SC. Tendo uma compreensão “(...) que já no Ensino Fundamental, por meio da pesquisa, podemos engatilhar um movimento que nos torna capazes de compreender a realidade, ampliando nossa capacidade de compreender fenômenos e produzir conhecimentos” (Rausch; Schroeder, 2010). Rausch e Schroeder salientam que a pesquisa

é uma das estratégias da prática educativa em sala de aula, que atualmente pode ser o grande ponto de partida para os avanços no processo de ensino e aprendizagem. Pedro Demo vê a pesquisa como princípio científico e educativo, ou seja, a base da educação é a pesquisa. [...] Desta forma, pesquisa é ir além de construir conhecimentos. Ela nos possibilita a reconstrução de saberes, torna-nos seres produtores de conhecimentos. Remete-nos a interesses como a curiosidade, a motivação, a participação, o questionamento, a dúvida, vivenciando na prática todo o processo de produção de conhecimentos. (RAUSCH; SCHROEDER, 2010)

Durante os preparos das aulas e no momento das aulas tive dificuldade de colocar em prática a pesquisa em sala de aula. O primeiro ponto foi um pré-conceito que imaginavam que os estudantes não teriam capacidade cognitiva suficiente de utilizar a pesquisa. O segundo foi a questão do tempo, que também foi apontada nos estudos de Rausch e Schroeder. Vejo que poderia ter pedido aos estudantes que pesquisassem os aspectos culturais de cada região brasileira e apresentassem para turma, depois discutiríamos as diferenças regionais. Essa pesquisa poderia ter sido aplicada nas aulas sobre “Divisão Regional do Brasil”, dividindo-os em cinco grupos e distribuindo uma região para cada. Não trabalhei a pesquisa, mas utilizei novamente um mapa em forma de quebra-cabeça, porém mais atrativo do que nas aulas anteriores. De acordo com a minha explanação sobre cada região encaixava no seu devido lugar no mapa. Um ponto positivo neste conteúdo foi à alusão ao conteúdo anterior.

Durante as aulas tentei apontar aos estudantes a importância da Geografia em sua formação. Nesse ponto me apoiei nas colocações de Antônio Carlos Castrogiovanni de como deve ser trabalhada Geografia escolar referente ao artigo “Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade”.

A geografia escolar (será que existe mais de uma geografia?), mais do que nunca, deve ser trabalhada de forma a instrumentalizar os alunos para lidarem com a espacialidade e com suas múltiplas aproximações: eles devem saber operar o espaço! Tal postura procura dar conta da compreensão da vida social refletida sobre os diferentes sujeitos, agentes responsáveis pelas (trans)formações. Com isso, parece ficar mais fácil para o sujeito reconhecer as contradições e os conflitos sociais e avaliar constantemente as formas de apropriação e de organização estabelecidas pelos grupos sociais e, quando desejar, buscar mecanismos de intervenção. (CASTROGIOVANNI, 2007)

O conteúdo “O acondicionamento adequado de resíduos sólidos urbanos” que foi trabalhado nas últimas três aulas. Nestas aulas eu já me sentia confiante nas explicações, em vários momentos houve a participação dos estudantes, utilizei o *Data Show* em vez da lousa, apresentei várias fotografias sobre o mal acondicionamento de

lixo, destaquei a participação do estudante, apresentei pequenos vídeo e exaltei a realidade dos estudante referente ao conteúdo. Entre todas as aulas foi a mais produtiva e participativa.

Em suma, as aulas ministradas foram participativas, os três primeiros conteúdos foram de forma linear e o último diversificado. Não deixe de buscar o conhecimento prévio dos estudantes, que era pouco por causa da sua faixa etária, mas foi suficiente para as aulas. Tentei ao máximo ter o domínio da turma, porém em alguns momentos havia conversas paralelas e dispersão. Chamava atenção da turma ou ficava em calado esperando silêncio. Tive total domínio dos conteúdos proposto, porém percebo que poderia ter trabalhado de forma mais lúdica e criativa. A maior dificuldade que tive foi o uso de uma linguagem compreensiva ao estudante. O principal ponto a ser melhorado é o uso correto do português. Contudo, a volta a sala de aula como professor foi um grande desafio para mim.

Conclusão

Os desafios da escola e da disciplina de Geografia não são de fácil de solucionar, porém os professores devem buscar novas propostas como mediação pedagógica no processo de ensino aprendizagem. Freitas (2000), fala de uma linguagem essencial para o ensino de Geografia, para ela a Cartografia tornou-se importante na educação contemporânea, tanto para o aluno atender as necessidades do cotidiano quanto para estudar o ambiente em que vive.

Nessa direção, o estágio é fundamental para a carreira do licenciado, pois percebemos nossas condições de educadores e também nossas falhas. E é reconhecendo o erro que descobrimos onde precisamos nos aperfeiçoar e com muita luta, com momentos felizes e outros nem tanto, que tornaremos grandes educadores. O estágio enquanto a prática é excelente para adquirimos experiências e novos saberes. Em relação a riqueza de experiências finalizo com um trecho de Paulo Freire (1996): “Quem forma se forma e re-forma as formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.” Assim, não a como dizer que não se aprende nada a ida a escola-campo, principalmente diante de todas as interações e relações ao longo desse semestre. Jamais paramos de apreender e isso ficou mais claro com as visitas periódicas e diante do contato com a realidade escolar, porque sempre teremos que estar refletindo e aprendendo, pois as coisas e a própria sociedade não estão estagnadas.

Referências

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Revisitando a alfabetização para trabalhar a geografia no ensino fundamental. In: SHÄFFER, N. O (org). **Ensinar e aprender Geografia**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1997.

FREITAS, H.C.L.de. **O trabalho como princípio articulador na prática de ensinosa nos estágios**. 3 ed.Campinas: Papyrus, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOIÁS, Catalão. **Plano político pedagógico**. Colégio Municipal CAIC – São Francisco de Assis. 2005.

LACOSTE, Yves. **A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas, SP: papyrus, 1998.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; PONTUSCHKA, Nídia N. Repensando e refazendo uma prática de estágio no ensino de Geografia. In: VESSENTINI, José William et al. **Geografia e ensino: Textos críticos**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2006. p. 117-134.

PIMENTA. S.G; LIMA, M.S.L. **Estágio e docência**. 4 ed.São Paulo: Cortez, 2009.

Recebido para publicação em fevereiro de 2014
Aprovado para publicação em março de 2014